

UM PANORAMA SOBRE A INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19 NAS METODOLOGIAS DE ENSINO PARA SURDOS NO ENSINO MÉDIO

Discente: Elke Cristina Gomes

Orientadora: Rosângela Ívina Araújo dos Santos

RESUMO

Este artigo visa apresentar os dados obtidos a partir de uma pesquisa acerca da influência da pandemia de Covid-19 no desenvolvimento de metodologias de ensino para educandos surdos, no ensino médio, os quais, veremos, tiveram muita dificuldade de adaptarem-se à essa nova forma, emergencial, de ensino. De abordagem qualitativa, dada a inclinação à profundidade nas investigações e análises da temática estudada, esta pesquisa, possui uma natureza exploratória, ou seja, visa desenvolver uma maior familiaridade com a problemática em questão (GIL, 2007), aqui, a partir de uma pesquisa bibliográfica. A mesma desenvolveu-se nos moldes de um Estado do Conhecimento, onde utilizamo-nos de bases de dados de trabalhos acadêmicos e científicos, sendo estes a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Biblioteca Eletrônica Científica (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para o levantamento de dados. Ao final, realizamos a análise dos trabalhos selecionados, observando se houveram tentativas de desenvolvimento de metodologias de ensino para surdos, no ensino médio, se estas foram exitosas ou não, baseados em Fernandes e Moreira (2014), Lebedeff (2010), Perlin (1998), Santos (2022) e Strobel (2008). A partir da análise dos trabalhos encontrados, evidenciou-se uma forte utilização de tecnologias da informação, aliadas às questões visuais, para um melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizado de educandos surdos, no período do ensino remoto emergencial, no isolamento devido a Covid-19. As práticas elencadas revelam, também, um cuidado com a formação crítica e reflexiva dos educandos que constituem a comunidade, contribuindo, assim, para sua emancipação intelectual.

Palavras-chave: Metodologia de Ensino. Covid-19. Surdos.

ABSTRACT

This article aims to present data obtained from research on the influence of the Covid-19 pandemic on the development of teaching methodologies for deaf students in high school, who, we will see, had great difficulty adapting to this new emergency form of teaching. With a qualitative approach, given the inclination towards depth in the investigations and analyzes of the subject studied, this research has an exploratory nature, that is, it aims to develop a greater familiarity with the issue in question (GIL, 2007), here, from a bibliographic research. It developed along the lines of a State of Knowledge, where we used databases of academic and scientific works, these being the Biblioteca Digital de Dissertações e Teses (BDTD), Scientific Electronic Library (SciELO), Coordination for Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) and the institutional repository of the Federal University of Santa Catarina (UFSC), for data collection. At the end, we carried out the analysis of the selected works, observing if there were attempts to develop teaching methodologies for the deaf, in high school, if these were successful or not, based on Fernandes and Moreira (2014), Lebedeff

(2010), Perlin (1998), Santos (2022) and Strobel (2008). From the analysis of the works found, a strong use of information technologies was evidenced, combined with visual issues, for a better development of the teaching and learning process of deaf students, in the period of emergency remote teaching, in isolation due to Covid -19. The listed practices also reveal care for the critical and reflective training of the students who constitute the community, thus contributing to their intellectual emancipation.

Key words: Teaching Methodology. Covid-19. Deaf.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios de sua existência, os profissionais da educação preocupam-se em adaptar-se, visando alcançar, efetivamente, o aprendizado dos alunos, sobretudo no ambiente escolar. Entretanto, devido os processos históricos de reprodução de desigualdades sociais, a escola passa a constituir-se para pessoas que não atendem aos padrões impostos pela sociedade, o que resulta nos processos de exclusão destas no ambiente escolar.

Como consequência, vemos uma grande parte da população que, por ter características destoantes dessa concepção de padrões, tem mais dificuldade de se inserir e permanecer na escola, tais como pessoas negras, mulheres, homossexuais, transexuais, indígenas e pessoas com deficiência. A partir disso, vemos que há a necessidade de, constantemente, pensarmos, como educadores, meios para uma efetiva inserção de todos os dissidentes no sistema de ensino. Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre isso, com enfoque nas pessoas com deficiência, especificamente acerca da comunidade surda.

Devido a recente crise pandêmica que assolou o mundo, decorrente da COVID-19, a educação teve que adaptar-se mais uma vez, para que continuasse a existir e cumprir seus objetivos, por meio do ensino remoto emergencial, o que fez com que surgissem várias novas metodologias de ensino que se baseavam na utilização de aplicativos e plataformas digitais, como o *Zoom*, *Google Meet*, *Google Classroom*, *Padlet*, *Skype* e afins. Durante meu estágio obrigatório, observei que havia uma grande dificuldade de assimilação e participação por parte de muitos alunos e professores ouvintes, cuja primeira língua é o português. Assim, fiquei incomodada, refletindo sobre como se daria esse processo com os alunos surdos, o que instigou-me a pesquisar a temática.

Sabemos que há várias problemáticas e limitações desse modelo de ensino, que depende tanto de fatores como o acesso à internet, computadores, *tablets*, *smartphones*, *notebooks*, ou demais meios, quanto ao letramento tecnológico, que dificulta e/ou impede que as pessoas consigam utilizar essas plataformas, o que rende importantes discussões sobre

acesso igualitário às tecnologias utilizadas na educação. Entretanto, neste trabalho, dada a importância e atualidade desse contexto histórico para a educação mundial, daremos enfoque a observar se o ensino remoto emergencial contemplou a comunidade surda, ao traçar metodologias para que a mesma pudesse fazer parte desse processo, utilizando-nos, como recorte, o ensino médio.

A partir do exposto acima, traçamos algumas indagações que guiarão nossos processos investigativos e analíticos: Quais métodos ou metodologias foram desenvolvidos, durante o ensino remoto emergencial, para inserir os educandos surdos, do ensino médio, no ensino remoto? Eles se mostraram efetivos? Há possibilidade de utilizá-los no ensino presencial?

Pensando nessas problemáticas, esse trabalho tem como **objetivo geral**: Investigar as metodologias de ensino desenvolvidas para os educandos surdos do Ensino Médio, durante o período de ensino remoto emergencial, na pandemia de COVID-19, as quais podem ser utilizadas nesse período de retorno às aulas presenciais. Como **objetivos específicos**: (1) Levantar os trabalhos criados acerca do ensino para surdos, no período de isolamento social e ensino remoto emergencial, no Ensino Médio; (2) Analisar quais metodologias para ensino para educandos surdos, do Ensino Médio, foram desenvolvidas; (3) Identificar quais dessas metodologias podem ser utilizadas no formato presencial.

O desenvolvimento deste trabalho justifica-se, inicialmente, pelo dito acima: enquanto educadores, é necessário que estejamos, constantemente, revisitando nossas próprias práticas, a fim de aperfeiçoá-las para um melhor processo de ensino e aprendizado que comporte a todos os educandos. Para além disso, é de suma importância que observemos as práticas dos demais colegas, nos mais variados cenários educacionais, para que possamos estabelecer paralelos e conexões que possam nos subsidiar no desenvolvimento de uma educação cada vez mais inclusiva.

Iniciamos esse trabalho discorrendo acerca de algumas concepções sobre educação inclusiva e comunidade surda, no Brasil, sustentando-nos em Strobel (2008), Fernandes e Moreira (2014), Neto *et. al* (2018) e Santos (2020). Em seguida, conceituamos o que são as metodologias de ensino para surdos, embasando-nos em Manfredi (1993), Perlin (1998), Quadros (2004), Skliar (2001) e Lebedeff (2010), onde apontamos critérios gerais necessários para que as metodologias de ensino para surdos sejam efetivas.

Em um terceiro momento, partimos para uma explanação sobre da metodologia utilizada, a qual baseia-se em um Estado do Conhecimento (ROMANOWSKI, 2002; ROMANOWSKI, ENS, 2006; GIL, 2009) acerca das metodologias de ensino que foram traçadas e aplicadas durante o período de ensino remoto, na pandemia de Covid-19, para

educandos surdos no Ensino Médio. Por fim, apresentaremos os trabalhos elencados e as análises dos mesmos, encerrando o trabalho com nossas considerações sobre o panorama encontrado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A COMUNIDADE SURDA NO BRASIL

Nessa primeira parte do referencial teórico que nos subsidia, almejamos contextualizar os caminhos pelos quais nos guiamos para compreender um pouco acerca da temática da educação inclusiva, no Brasil. Não nos atemos, contudo, a um profundo passeio ao passado, pois esta não é a proposta desse trabalho, mas sim à apontamentos gerais que nos orientam para a compreensão dessa, tão rica, temática, perpassando por conceitos e políticas essenciais para a garantia da mesma.

Ao observarmos, historicamente, o contexto da temática da inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, vemos que a invisibilização destas, propagada pelas óticas religiosa e médica, e a falta de políticas públicas, sempre deixaram-os à mercê de representações sociais que lhes alocavam em uma posição de inferioridade; e atitudes sociais, como a exclusão, as ações assistencialistas e reabilitadoras, que visavam os ‘proteger’, sobretudo nos ambientes de ensino (SANTOS, 2002).

Pensando, especificamente, na realidade da comunidade surda, esses desafios foram ainda mais intensos, principalmente devido a todos os processos de tentativa de negação e erradicação de suas culturas e identidades, ao invalidarem e impedirem que ela pudesse estruturar sua própria linguagem. Podemos observar esses acontecimentos a partir de Strobel e sua reflexão sobre as óticas de exclusão da comunidade, a partir dos vieses religioso e clínico:

A história dos surdos teve seu início caracterizado por dois ‘olhares’: o clínico e o religioso; com relação à visão clínica, os sujeitos surdos eram representados como deficientes relacionados a anormalidades nos ouvidos, nas cordas vocais e até mesmo no cérebro, despertando dedicação e empenho por parte de médicos nesta área de conhecimento, pois na época da evolução destes estudos a anatomia era importante para o papel da medicina, então passaram a pesquisar a fala dos sujeitos surdos assim como as suas probabilidades de aprendizagem. Quanto à visão religiosa, as atitudes de caridade e assistência aos sujeitos surdos faziam parte das regras e missões

de origem religiosa, pois se mostram evidentes nos registros o empenho dos abades pioneiros, padres ou outros em se tornarem pioneiros e se responsabilizarem pelo cuidado e educação dos sujeitos surdos. (STROBEL, 2008, p. 80)

A partir disso, vemos que a pauta da inclusão sempre foi desafiadora, pois a lógica de interação social entre pessoas sem deficiência e pessoas com deficiência reproduzia a exclusão das segundas, especialmente nos espaços escolares (SANTOS, 2002), ou embasavam a participação destas somente a partir de estratégias traçadas em sala de aula, pelos educadores, com pouco ou nenhum suporte. Com isso, observou-se a necessidade do debate acerca de formas para ensinar que consigam abranger a pluralidade existente nos ambientes escolares, visando a inclusão de todos os educandos ali presentes.

Essa realidade, na comunidade surda, veio a mudar a partir de meados dos anos 90, com a expansão do movimento multiculturalista e dos debates acerca da importância da linguagem para compreensão das manifestações e reproduções culturais de um povo ou comunidade (FERNANDES, MOREIRA, 2014). Neto et.al (2018), reforça essa perspectiva, ao dialogar o cenário da inclusão escolar no Brasil, apresentando a escola como ambiente plural que precisa ouvir e dialogar com todos da comunidade escolar. Uma das formas de se pensar essa questão se deu a partir da Conferência Mundial sobre Educação Especial, que ocorreu em Salamanca, na Espanha, que gerou uma importante declaração, que recebeu o nome de sua cidade natal e que influencia a organização da Educação Especial no mundo inteiro.

A declaração de Salamanca, criada em 1994, destaca que “uma alta percentagem de deficiência constitui resultado direto da falta de informação, pobreza e baixos padrões de saúde” (BRASIL, 1994, p.46), o que nos possibilita pensar que mesmo atualmente, em 2023, existindo mídias que discutam sobre a educação inclusiva, ainda assim não é suficiente para que ela exista de forma ativa e com qualidade. Inúmeras escolas municipais, por exemplo, não têm sequer estrutura para ter uma sala de aula inclusiva, ou um Atendimento Educacional Especializado - AEE.

Nas últimas décadas, o Brasil tem participado de uma discussão teórica que resultou na aprovação de uma legislação voltada para a educação inclusiva, tendo como objetivo proporcionar uma melhor educação para os alunos designados como aqueles com necessidades educacionais especiais. Destaca-se aqui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996 e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica,

ambas baseadas tanto aos princípios da Constituição Brasileira de 1988, quanto a documentos internacionais como a Declaração de Jomtien sobre a Educação para Todos, de 1990, a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área de Necessidades Educativas Especiais, de 1994, e a Lei Brasileira de Inclusão - LBI de 2015 (Lei nº 13.146).

A escola, baseada em valores como liberdade, tolerância, convivência, democracia, pluralidade, respeito, singularidade, e equidade, entre tantos outros, deveria:

(...) acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas (...). Deveria incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados (BRASIL, 1994, p.6).

Vale ressaltar que, mesmo o texto sendo voltado para crianças, essa condição de educação especial se aplica também a jovens e adultos. Pelo longo histórico educacional do país, temos diversos jovens e adultos analfabetos que precisam desistir da educação para conseguir um trabalho e ajudar a família, assim como tem diversos surdos que chegam à escola no Ensino de Jovens e Adultos - EJA, para receber uma educação e consequentemente a alfabetização, já que no ensino regular ele não teve um apoio familiar, ou governamental, ou acessibilidade em sala de aula.

2.2 METODOLOGIA DE ENSINO E METODOLOGIA DE ENSINO INCLUSIVO PARA SURDOS - CONCEPÇÕES GERAIS

Tendo em vista que um dos nossos objetivos neste trabalho é analisar quais metodologias para ensino para educandos surdos, do Ensino Médio, foram desenvolvidas, é de suma importância que apresentemos a definição, aqui, tomada por metodologias de ensino.

Ancorando-nos em Manfredi (1993), entendemos que metodologia de ensino é o percurso traçado por educadores para atingir objetivos específicos na educação, sobretudo voltados à aprendizagem dos educandos. Ou seja, é a forma desenvolvida, performada e/ou aplicada por educadores, nas salas de aula.

A pluralidade da definição de metodologia de ensino, e sua ligação com as particularidades dos docentes, é destacada por Manfredi, que diz que

a concepção de metodologia do ensino que ora propomos não se reduz à elaboração e aplicação mecânica e repetitiva de categorias teórico-epistemológicas abstratas e formalizantes (ainda que extraídas da literatura marxista); mas, por reconhecer-se histórica, ganhará mais consistência e organicidade à medida em que esteja alicerçada numa perspectiva de avanço em reflexões teóricas, que se referendem e construam a partir de experiências pedagógicas vivas e particulares e das práticas sociais e científicas em geral. (1993, p. 06)

Deste modo, estas - as metodologias - produtos da atividade humana, podem ter diferentes vieses ideológicos e políticos, sendo frutos dos contextos históricos que constituem a sociedade, influenciando os docentes a partir de seus vieses ideológicos, também constituídos histórica e politicamente (MANFREDI, 1993). Na tabela abaixo, apresentamos os tipos traçados pela autora, acerca dessas variações, com algumas características e seus respectivos objetivos, a partir das concepções de educação que referenciaram um determinado período histórico.

Tabela 01: Diferentes tipos de metodologias de ensino.

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO	CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS	OBJETIVOS ALMEJADOS
Tradicional	- Busca ensinar a todos, de forma lógica. - Padronização. - Conhecimento unilateral.	Transmitir todo e qualquer conhecimento universal e sistematizado, de forma padronizada.
Escolanovista	- Individualidade. - Diferenças individuais. - Ritmos diferenciais. - Potencialidades individuais. - Liberdade. - Educando como centro do processo.	Visa garantir o aprimoramento individual e social.
Tecnicista	- Foco no mercado de trabalho. - Aplicação de instrumentos de avaliação padronizados.	Estratégia de aprimoramento técnico, no sentido de garantir maior eficiência e

	- Ligação com o liberalismo.	eficácia ao processo de ensino-aprendizagem.
Crítica	- Foco na dimensão sócio-política. - Educação popular. - Democratização do saber. - Tomada de Consciência - Metodologias ativas.	Visa garantir o processo de reflexão crítica sobre a realidade vivida, percebida e concebida, visando uma tomada de consciência dessa realidade, tendo em vista a sua transformação.
Histórico-dialética	- Fruto de uma série de intersecções de cunho político, histórico e social. - Metodologias ativas. - Democratização do saber. - Confronto entre senso comum e ciência com foco no aprendizado contextualizado. - Depende da forma como se dão as relações entre educadores e educandos.	Servem para orientar o processo de ensino-aprendizagem em situações concretas cotidianas.

Fonte: Autoria Própria, a partir de Manfredi (1993).

Ao observarmos a tabela, podemos ver que houveram, ao longo do tempo, diversas transformações nas formas de educar. As metodologias alteram-se com o tempo, mas todas possuem o denominador comum de visar o processo de ensino.

Tendo em conta que este trabalho versa sobre a comunidade surda, a qual, como vimos, depende do esforço coletivo de todos que constituem a escola para desenvolver a inclusão nesse espaço, inferimos que as metodologias de ensino que subsidiam a educação inclusiva para surdos aproxima-se das concepções críticas e histórico dialéticas, as quais prezam pela inserção e participação dos educandos de maneira ativa, importando-se com duas particularidades e demandas específicas, a fim de uma construção de saberes coletiva.

Referente à perspectiva inclusiva da educação e ensino para surdos, Quadros (2004) apresenta a importância de repensar a estruturação curricular a partir dos efeitos da modalidade da língua de sinais – língua visual - espacial. Para tanto, a autora propõe uma

série de metodologias denominadas “práticas pedagógicas visuais”. Essas práticas estão relacionadas ao uso e produção social da língua de sinais.

Entretanto, Skliar (2001) ressalta que muitas vezes a caracterização dos surdos enquanto sujeitos visuais fica restrita a uma ideia de capacidade cognitiva e linguística de compreender e produzir informação em língua de sinais. Segundo Lebedeff (2010):

A experiência visual dos surdos envolve, para além das questões linguísticas, todo tipo de significações comunitárias e culturais, exemplificando: os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais, humor visual; definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras formas de significações. (s/n)

Considerando a diversidade da sala de aula, a educação inclusiva é pensar em todo e qualquer aluno presente que precise se desenvolver, então incluir é educação para todos. Partindo para práticas pedagógicas é interessante o apoio visual com fotos que enriqueçam o olhar do aluno, desenhos, construções de cartazes com palavras chaves que os alunos participem, assim como terão momentos que o professor precisará aceitar a resposta do aluno da forma que ele apresentar já que nem todos conseguem se expressar, segundo Priscila Lucena na sua participação ao podcast *Bílingue em Pauta* (2021).¹

Linkando com nosso objeto de pesquisa, que são os surdos, muitos professores acham que por ter intérprete de Libras em sala de aula já é o suficiente para que o aluno desenvolva, porém, nem todos os discentes surdos conhecem a Libras, pois a maioria desenvolve a língua caseira de sinais primeiro para só quando adulto adquirir a Libras. Então, ter o intérprete não será suficiente para que ele compreenda o assunto apresentado, e nem é função do intérprete ensiná-lo (o que ocasiona muita confusão em acharem que ser intérprete é ser o mesmo que professor).

As estratégias visuais são fundamentais para que ele compreenda, considerando que são sujeitos surdos e possuem em sua cultura uma identidade visual - espacial (PERLIN, 1998), partindo sempre do real para o abstrato. Pensar em metodologias que consigam inserir os surdos no processo educacional junto com os ouvintes e que suas atividades não sejam

¹Participação no podcast *Bílingue em pauta*, episódio 47: Estratégias pedagógicas e práticas de educação inclusiva. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=mZPVUva62oc&t=773s>. Acessado em: 09/03/2023

tratadas como um nível inferior da turma por ele ser surdo, mas que seja adaptada em um nível que ele consiga adquirir o mesmo conhecimento que os demais e aplicar em sociedade.

METODOLOGIA

De abordagem qualitativa, dada a inclinação à profundidade nas investigações e análises da temática estudada, esta pesquisa, possui uma natureza exploratória, ou seja, visa desenvolver uma maior familiaridade com a problemática em questão (GIL, 2007), aqui, a partir de uma pesquisa bibliográfica.

Para a realização da mesma, utilizamo-nos de um método de levantamento de bibliografias intitulado, por Romanowski e Ens (2006), como Estado do Conhecimento, o qual visa realizar um recorte temporal dos trabalhos científicos, em uma determinada temática, para compreender como a ciência vem desenvolvendo percepções acerca da mesma, por meio de análises e categorizações dos textos.

Similar ao Estado da Arte, o Estado do Conhecimento difere-se por restringir suas buscas à Dissertações e Teses. Por isso, utilizaremos as seguintes plataformas: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Biblioteca Eletrônica Científica (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As mesmas foram selecionadas por se tratarem de importantes plataformas de armazenamento de trabalhos científicos completos e gratuitos, sobretudo dissertações e teses. O repositório institucional da UFSC foi escolhido por se tratar da primeira universidade a ofertar, em 2002, o curso de Letras Libras, formando os primeiros profissionais da área, em 2006, consolidando-se, assim, como referência.

Segundo as recomendações de Romanowski (2002), o desenvolvimento de um Estado do Conhecimento possui algumas etapas, a saber: a primeira consiste na definição dos descritores - as palavras que serão utilizadas para a busca dos trabalhos nas plataformas (as quais a escolha constitui a segunda etapa). Como, em nosso trabalho, visamos analisar as metodologias de ensino que foram traçadas e aplicadas durante o período de ensino remoto, na pandemia de Covid-19, para surdos, utilizamos os seguintes descritores: “surdos” e “pandemia”, com o recorte temporal que data de 2020 a 2023.

O terceiro passo, apresentado pela autora, é o estabelecimento de critérios de seleção dos materiais a serem utilizados no trabalho. Nós realizamos o levantamento e coleta dos

materiais, (respectivamente a quarta e quinta etapas) baseando-nos, inicialmente, nos títulos que chamaram nossa atenção por relacionarem-se à temática central da nossa pesquisa. Nesta etapa, selecionamos 16 trabalhos.

Para afunilar nosso escopo de materiais, realizamos a leitura dos resumos e conclusões desses trabalhos, visando uma maior imersão nos mesmos, para verificar se, de fato, contemplariam nossa proposta de análise. Após isso, resultou-se um total de 05 trabalhos, os quais podem ser visualizados na tabela abaixo.

Tabela 02: Trabalhos selecionados na etapa final.

TÍTULO	IES	TIPO/ANO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO
1. TECNOLOGIA NO ENSINO PARA SURDOS NUMA PERSPECTIVA BILÍNGUE: GÊNERO DISCURSIVO MEME	Unioeste	Dissertação / 2021	Linguagem e Sociedade
2. O ENSINO DE ESTUDANTES SURDOS COM APOIO DE RECURSOS DIGITAIS: INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS COM PROFESSORES EM UMA PERSPECTIVA BILÍNGUE	UFMA	Dissertação / 2021	Ensino na Educação Básica
3. PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIAS REALIZADAS POR DOCENTES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE ESTUDANTES SURDOS	Unioeste	Dissertação / 2022	Educação em Ciências e Educação Matemática
4. DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA ALUNOS SURDOS DO ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM DA TEORIA ATOR-REDE	UFSCar	Tese / 2022	Ciência, Tecnologia e Sociedade
5. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO	IFPR	TCC / 2021	Ensino de língua portuguesa como 2ª língua para surdos na modalidade educação a distância

Fonte: Autoria própria

O passo seguinte, para a elaboração do Estado do Conhecimento, é a organização dos textos, em sínteses que sistematizam as tendências dos temas nos trabalhos, para que, em seguida, ocorra o processo de comparação e correlacionamento dos trabalhos, a partir do encontrado em cada um deles (ROMANOWSKI, 2002). Para isso, fizemos uma curta resenha de cada um, contendo as informações gerais sobre os procedimentos, análises e considerações dos autores, a partir de nossas percepções sobre os trabalhos. Por fim, realizamos os processos de análise e interpretação do contexto geral da temática, dentro desses recortes de tempo e modalidades de pesquisa, as quais discorreremos a seguir.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Dentre as nossas percepções acerca dos trabalhos, o primeiro fator a ser dialogado é a quantidade de produções desenvolvidas acerca da temática. Em nossa seleção final, contamos com apenas 05 trabalhos que, no recorte temporal de 2020 a 2023, visaram investigar a temática das metodologias de ensino para a comunidade surda, no período da pandemia de Covid-19, no ensino médio. A pouca quantidade, com média de 2 trabalhos (arredondado) produzidos por ano, a nível nacional, nos revela, imediatamente, que este é um diálogo pouco visado, apesar de sua relevância, a qual dialogamos anteriormente.

Acerca dos trabalhos elencados na seleção final, observamos, ainda, uma maior quantidade de dissertações desenvolvidas sobre a temática, sendo três dos cinco trabalhos elencados; contamos, também, com uma tese e um trabalho de conclusão de curso.

Quanto às áreas de concentração dos programas que desenvolveram as pesquisas encontradas, pudemos observar uma vasta pluralidade, que perpassa estudos referentes à Linguagens, Culturas e Formação Docente, Linguagem e Sociedade, Ensino na Educação Básica, Produção do Espaço e Meio Ambiente, Educação em Ciências e Educação Matemática, Ciência, Tecnologia e Sociedade e Ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos na modalidade educação a distância.

É interessante observarmos que, mesmo diferentes, as áreas dialogam entre si as interseccionalidades existentes entre a educação e a sociedade, em prol de um objetivo em comum: refletir os impactos e influências existentes entre estas para uma melhor prática cotidiana em sala de aula.

A seguir, trataremos sobre os aspectos “chave” para a construção de uma pesquisa, analisando, neste primeiro momento, os objetivos dos autores, iniciando com o trabalho de Kunzler (2021). Nele, a autora almeja, por meio do gênero discursivo “meme”, incentivar um gosto pela leitura, com enfoque em alunos surdos.

No segundo trabalho, Mendonça (2021) visa investigar o ensino de estudantes surdos a partir da utilização da pedagogia bilíngue, sustentada em práticas pedagógicas que utilizam-se de recursos digitais para um melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizado.

Palavissini (2022), no terceiro trabalho selecionado, almeja analisar as perspectivas e estratégias de educação bilíngue traçadas por professores, para alunos surdos, no período da pandemia de Covid-19, enfocando práticas de educação e saúde.

Schefer (2022), na quarta obra analisada, busca compreender os processos de construção de materiais didáticos que utilizem-se de tecnologias de baixo custo, na modalidade à distância, para alunos surdos, no ensino sobre programação.

Por fim, no último trabalho selecionado, Souza (2021) discute o ensino de língua portuguesa como L2, para surdos, a partir das percepções dos docentes no processo de transição do modo presencial para o ensino remoto emergencial.

Podemos observar, a partir dos objetivos das pesquisas elencadas, que, para além do ponto comum acerca da investigação de metodologias de ensino, há a preocupação em investigar, de maneira indireta, os impactos identitários nos educandos surdos. Discorreremos sobre isso, mais adiante, mas, antes de prosseguirmos, destacaremos alguns dos métodos de ensino elencados pelos autores.

Quadro 1: Métodos de ensino elencados

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">- Uso de TICs;- Aplicativos de celular (Alpha-Libras, AdeLibras, Librário e Libras-Português silabário);- Bilinguismo;- Utilização de Elementos Imagéticos;- Utilização de Memes. |
|---|

Fonte: Autoria própria.

Reforçando o que dissemos anteriormente, subsidiados em Perlin (1998), podemos observar que os métodos utilizados pelos educadores, elencados nas pesquisas selecionadas,

revelam uma forte utilização de estratégias visuais para a construção de um processo de ensino que contemple a comunidade, em sala de aula.

Como vimos anteriormente, estudos voltados para a comunidade surda, especialmente quando tratando-se de educação, precisam estar em diálogo direto com questões sociais e culturais, pois, ao tratarmos de diferentes contextos socioculturais dentro de sala de aula, em escolas regulares, sobretudo quando baseados em línguas diferentes, é importante que nos atentemos à forma como o ensino será transmitido e absorvido por todos, pois diferentes discursos podem ser construídos a partir de diferentes interpretações, e isso pode influenciar o ensino, marginalizando uns em detrimento de outros.

Referente às práticas subsidiadas nos debates multiculturalistas, podemos observar a utilização, nos cinco trabalhos, de Skliar (1997, 1999, 2013) e Skliar; Massone e Veinberg, (1995). Em suas obras, Skliar preocupa-se em traçar um diálogo acerca da alteridade nos processos educacionais, ancorando-se, sobretudo, em uma ótica analítica histórico-cultural para a compreensão dos processos de ensino e aprendizado. Deste modo, podemos inferir que os múltiplos métodos implicam diretamente em uma utilização que se importa com as particularidades dos educandos, em um exercício constante de desenvolvimento de novas formas de inclusão, o que é reforçado através dos resultados elencados em cada pesquisa.

Kunzler (2021) concluiu que a utilização dos memes como método de ensino para alunos surdos contribuíram para a constituição de uma percepção crítica da realidade, uma vez que, para compreender esse gênero do discurso, é necessário que compreendamos suas referências socioculturais, interpretando o texto discursivo a partir do humor formado pelos símbolos ali presentes.

Mendonça (2021), Sousa (2021) e Palavissini (2022) observaram, centro de suas pesquisas, que os recursos digitais, somados às práticas inclusivas, são fortes aliados no ensino para surdos, o que é reiterado, também, por Schefer (2022), que, em paralelo, concluiu que o pensamento lógico, ensinado nas aulas de programação, contribui para a formação de um pensamento crítico nos educandos surdos, o que colabora para a sua emancipação intelectual e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, visávamos investigar as metodologias de ensino desenvolvidas para os educandos surdos do Ensino Médio, durante o período de ensino remoto emergencial, na pandemia de COVID-19, as quais podem ser utilizadas nesse período de retorno às aulas

presenciais. Para isso, utilizamo-nos de um Estado do Conhecimento com recorte temporal entre os anos de 2020 a 2023.

Em nossa busca, deparamo-nos com uma pouca quantidade de trabalhos que dialogam sobre a temática, o que revela-nos a necessidade de um movimento mais profundo de reflexão e investigação acerca das práticas desenvolvidas por educadores que trabalham com educandos surdos, ampliando o diálogo entre os educadores que pensam os processos de inclusão no âmbito do ensino.

A partir da análise dos trabalhos encontrados, evidenciou-se uma forte utilização de tecnologias da informação, aliadas às questões visuais, para um melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizado de educandos surdos, no período do ensino remoto emergencial, no isolamento devido a Covid-19. As práticas elencadas revelam, também, um cuidado com a formação crítica e reflexiva dos educandos que constituem a comunidade, contribuindo, assim, para sua emancipação intelectual.

Com esse levantamento, esperamos que instiguemos os educadores que trabalharam com a comunidade surda, ensinando-os durante o período de isolamento social e ensino remoto emergencial, a compartilharem suas experiências e produzirem trabalhos que apresentem as metodologias desenvolvidas nesse período, colaborando, assim, para a construção de um maior escopo de dados para pesquisas acerca desse momento histórico que, em alguma medida, influenciou os processos de ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, DF: CORDE, 1994. Disponível em:

≤ <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> ≥. Acessado em: 09/03/2023

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. **Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 51-69. Editora UFPR

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2009

KUNZLER, S. M. **Tecnologia no Ensino para Surdos numa perspectiva Bilíngue: Gênero Discursivo Meme**. Dissertação (Mestrado Profissional, Programa de Pós-graduação em Letras). Centro de Educação, Letras e Artes. 115 p. 2021.

LEBEDEFF, T. B. **Aprendendo a ler “com outros olhos”**: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: 175 - 195, maio/agosto 2010.

MANFREDI, S. M. **METODOLOGIA DO ENSINO** - diferentes concepções, 1993.

MENDONÇA, I. P. S. **O ensino de estudantes surdos com apoio de recursos digitais: intervenções pedagógicas com professores em uma perspectiva bilíngue**. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica). Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 245 p. 2021.

PALAVISSINI, C. F. C, **Perspectivas e estratégias realizadas por docentes durante a pandemia de Covid-19 no atendimento educacional especializado de estudantes surdos**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências e Educação Matemática). Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 124 p. 2022.

PERLIN, G. T. T. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: Efeitos de modalidade e práticas pedagógicas**. In: MENDES, E. G; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (Orgs.) Temas em educação especial: Avanços recentes. São Carlos: Ed. UFSCar, 2004. p. 55-61.

ROMANOWSKI, J. P. **As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”**. Diálogos Educacionais, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.

SANTOS, J. B. **A “DIALÉTICA DA EXCLUSÃO/INCLUSÃO” NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE ‘ALUNOS COM DEFICIÊNCIA’**. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 11, n. 17, p. 27-44, jan./jun., 2002

SCHEFER, R. P. **Desenvolvimento de material didático para alunos surdos no Ensino Médio: Uma abordagem da teoria Ator-rede**. Tese (Doutorado, Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. 187 p. 2022.

SKLIAR, C. **Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos**. In: SILVA, S; VIZIM, M. Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

SOUSA, M. F. M. **O ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos no contexto do ensino remoto**. Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2º língua para surdos). Instituto Federal da Paraíba, João Pessoa. 18 p. 2021.

STROBEL, K. L. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina